

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

ADRIANA ALVES DE SOUZA LUCAS

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA  
CRIANÇA COM TDAH

ANÁPOLIS – GO  
2018

ADRIANA ALVES DE SOUZA LUCAS

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA  
CRIANÇA COM TDAH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo.

ANÁPOLIS

2018

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

ADRIANA ALVES DE SOUZA LUCAS

### **A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TDAH**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica, sob a orientação da Profª Drª Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profª Drª Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo

**ORIENTADORA**

---

Profª. Ma. Sueli de Paula

**CONVIDADA**

---

Profª. Esp. Aracelly Loures Rangel

**CONVIDADA**

---

Profª. Esp. Ana Maria Vieira de Souza

**PRESIDENTE DA BANCA**

À minha família, meu maior bem, meu grande tesouro.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar quero expressar minha gratidão à Deus, meu Senhor, pelo sustento e cuidado durante todo o curso.

Ao meu amado marido, Ubiracy, pelo incentivo, apoio e cuidado.

Às minhas filhas Júlia e Helena pela compreensão, devido à momentos de ausência e renúncia de momentos de lazer em família.

À Rosely e José Machado Golegã pelo grande apoio e participação nesta conquista.

## RESUMO

O presente trabalho aborda a importância do papel da família no processo de aprendizagem. A contribuição da família é essencial para se traçar um diagnóstico preciso e definir quais caminhos trilhar para se chegar a resultados satisfatórios. O objetivo, portanto, é reconhecer que a família, juntamente com a escola e o acompanhamento psicopedagógico, podem ajudar o aluno a superar suas dificuldades. Apresenta algumas provas e testes para compreender qual o vínculo que a criança estabelece com a aprendizagem e como se apresenta seu desenvolvimento cognitivo. Por fim, oferece propostas de intervenção para que o aprendiz supere suas limitações e estabeleça um vínculo afetivo com a aprendizagem. A fim de atingir os objetivos propostos, o papel da família se torna fundamental nesse processo.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Diagnóstico Psicopedagógico. Família. Vínculo.

## **ABSTRACT**

This paper discusses the importance of the role of the family in the learning process. The contribution of the family is essential in order to draw an accurate diagnosis and to define which path to reach satisfactory results. The goal, therefore, is to recognize that the family, together with the school and psycho-pedagogical accompaniment, can help the student overcome his difficulties. It presents some tests and tests to understand the link that the child establishes with learning and how his / her cognitive development presents itself. Finally, it offers intervention proposals so that the learner can overcome his limitations and establish an affective bond with the learning. In order to achieve the proposed goals, the role of the family becomes fundamental in this process.

**Keywords:** Bonding. Family. Learning. Psychopedagogical Diagnosis.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>A PSICOPEDAGOGIA</b> .....	11
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	14
3.1	LOCAL DE PESQUISA.....	14
3.2	TÉCNICAS UTILIZADAS .....	14
3.3	PROCEDIMENTOS.....	16
<b>4</b>	<b>DIAGNÓSTICO</b> .....	17
4.1	IDA À ESCOLA.....	17
4.2	ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS .....	18
4.3	OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA .....	18
<b>4.3.1</b>	<b>Observação da criança na escola – sala de aula</b> .....	18
<b>4.3.2</b>	<b>Observação da criança na escola – fora da sala de aula</b> .....	20
4.5	ENTREVISTA COM A CRIANÇA .....	22
4.6	A HORA DO JOGO .....	23
4.7	PROVAS OPERATÓRIAS PIAGETIANAS.....	25
<b>4.7.1</b>	<b>Provas de conservação</b> .....	25
<b>4.7.2</b>	<b>Provas de classificação</b> .....	27
4.8	PROVAS PROJETIVAS .....	28
<b>4.8.1</b>	<b>Par Educativo</b> .....	28
<b>4.8.2</b>	<b>Família Educativa</b> .....	29
<b>4.8.3</b>	<b>Eu e Meus Companheiros</b> .....	31
<b>4.8.4</b>	<b>Quatro Momentos de Um Dia</b> .....	32
4.9	PROVAS PEDAGÓGICAS.....	32
<b>4.9.1</b>	<b>Leitura</b> .....	33
<b>4.9.2</b>	<b>Escrita</b> .....	33
<b>4.9.3</b>	<b>Raciocínio Lógico Matemático</b> .....	33
4.10	DESENHO LIVRE .....	36
<b>5</b>	<b>INFORME PSICOPEDAGÓGICO (Relatório Psicopedagogia Clínica)</b> .....	37
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	44
<b>8</b>	<b>ANEXOS</b> .....	45

## 1 INTRODUÇÃO

A família tem um papel essencial no processo de aprendizagem, pois é no lar que a criança tem as primeiras experiências com o aprendizado. A cosmovisão da criança, seus comportamentos e conceitos, estão ligados às influências familiares.

A participação da família é imprescindível para que a aprendizagem aconteça. Ela, mais do que qualquer outra instituição deve mostrar interesse no desenvolvimento e no sucesso de seu filho (a). A criança constrói o conhecimento a partir da sua relação com os desafios que vivencia em casa, na escola ou em outros meios aos quais ela convive.

De acordo com Weiss (2001), cada pessoa tem a sua individualidade no que diz respeito à modalidade de aprendizagem. Sendo assim, cada um tem uma maneira particular de se apropriar do conhecimento.

Segundo Fernández (2010, p. 41), “aprender é significar, desde o saber (inconsciente/ pré-consciente), as informações para poder construir conhecimentos. Quando o recordar está obturado, a aprendizagem se encontra danificada”. Para identificar os entraves da aprendizagem, é fundamental que se faça um diagnóstico preciso, para, então, saber como intervir.

De acordo com Fernández (1991), o diagnóstico é tão importante para o profissional, assim como uma rede é importante para o equilibrista. Assim como a rede traz segurança ao equilibrista, da mesma forma o diagnóstico dá ao psicopedagogo segurança para usar as intervenções necessárias a fim de auxiliar o aluno e ajudá-lo a vencer os obstáculos que estão no caminho da aprendizagem.

O profissional tem um papel importante nesse processo para ajudar a criança a vencer ou saber caminhar com as suas limitações. Mais que o profissional, a família é fundamental nesse caminhar. Para isso, o primeiro passo é reconhecer a necessidade que o filho (a) tem de ser acompanhado por um especialista e encaminhá-lo para o mesmo.

A família precisa também participar desse processo, oferecer informações para que o profissional tenha o histórico familiar, pois nele pode estar a origem do problema. Segundo Fernández (1991 p. 30), essa origem não se encontra na estrutura individual, mas o sintoma está ligado a “uma rede particular de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual”. A entrevista com

a família possibilita levantar a queixa e perceber fatos importantes na relação afetiva que, por sua vez, podem ser motivo das dificuldades relacionadas à aprendizagem.

Além da família, o profissional precisa investigar a vida escolar da criança, qual a relação que ela estabelece com a instituição de ensino e como se dá o vínculo entre os professores e demais alunos.

No processo de aprendizagem, o vínculo afetivo não pode ser deixado de lado, ele é essencial nesse processo. De acordo com Fernández (1991), para aprender é preciso haver relação entre o que ensina e o que aprende.

Além das dificuldades relacionadas aos vínculos afetivos, as de nível orgânico também influenciam na aprendizagem ou são a causa dela não acontecer. O resultado disso é um impacto negativo na vida do aprendente, acarretando desinteresse, falta de motivação, baixa autoestima, refletindo em sofrimento não só para a criança, mas também para a família.

Um dos maiores desafios que professores, famílias e especialistas tem enfrentado é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) devido às suas diferentes formas de apresentação.

O DSM-5 que trata dos transtornos define o TDAH como:

Transtorno do neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. Desatenção e desorganização envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento. Hiperatividade-impulsividade implicam atividade excessiva, inquietação, incapacidade de permanecer sentado, intromissão em atividades de outros e incapacidade de aguardar – sintomas que são excessivos para a idade ou o nível de desenvolvimento. Na infância, o TDAH frequentemente se sobrepõe a transtornos em geral considerados de externalização, tais como os transtornos de oposição desafiante e o transtorno de conduta. O TDAH costuma persistir na vida adulta, resultando em prejuízos no funcionamento social, acadêmico e profissional (p. 32).

Para levantar um diagnóstico preciso, é necessário haver uma equipe multidisciplinar, cada um atuando na sua área para investigar os sintomas e os comportamentos relacionados ao transtorno. Feito o diagnóstico, o psicopedagogo pode, então, apresentar propostas de intervenção para o indivíduo com o TDAH.

O presente trabalho busca reconhecer a importância da família no processo de aprendizagem da criança com o TDAH. Para isso, apresenta um breve histórico da Psicopedagogia e as contribuições dos argentinos para a Psicopedagogia no Brasil e

qual a sua importância na investigação dos entraves que impedem a aprendizagem. Apresenta também, um breve histórico do TDAH e a importância do seu diagnóstico.

Para o levantamento do diagnóstico, apresenta a metodologia utilizada para a coleta de dados a fim de apresentar uma análise precisa. Assim, mostra os relatórios de observação da criança realizados no ambiente escolar, testes e provas pedagógicas, projetivas e operatórias. Por fim, traz um relatório de todo o trabalho realizado, o informe psicopedagógico e quais as propostas de intervenção para a família e para a escola.

## 2 A PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia surgiu na Europa no século XIX, na França, e chegou ao Brasil por meio dos argentinos. Segundo Bossa (2000) isso ocorreu devido à proximidade dos dois países e ao acesso fácil a literatura e a língua.

A Psicopedagogia é caracterizada por alguns como aula de reforço escolar, mas sua prática está em apresentar ações a fim de potencializar a aprendizagem do indivíduo, buscando melhorias e atividades interdisciplinares. Para isso, é preciso ter claro que a formação do psicopedagogo, segundo Bossa (2000), requer que ele compreenda como se dá a relação entre o aprendente e o seu meio. Para a autora,

o papel do psicopedagogo da clínica é criar um espaço de aprendizagem, oferecendo ao sujeito oportunidades de conhecer o que está a sua volta, o que lhe impede de aprender, para que juntos, possam modificar uma história de não aprendizagem (BOSSA, 2000, p. 63).

O objeto de estudo da Psicopedagogia, portanto, é a aprendizagem e em que situações ela ocorre. Por conseguinte, o papel do psicopedagogo é essencial nesse processo. A busca, então, será desvendar quais os entraves que podem prejudicar ou que estão interferindo na aprendizagem. Sendo assim, segundo Bossa (2000), ela age tanto na prevenção como também na busca de caminhos para que a aprendizagem ocorra.

A Psicopedagogia atua tanto na área institucional, como na área clínica e hospitalar. Na área institucional, trabalha com os problemas relacionados à aprendizagem que já estão instaurados e nos problemas que podem acontecer. Portanto, de acordo com Fernández (1991), ela age em antecipação, verificando como se dá a aprendizagem, a relação professor-aluno e a participação da família na vida escolar.

Portanto, segundo Bossa (2000), a avaliação se dá em todos os aspectos da instituição, tanto internos, o que acontece no ambiente escolar, como se dá a aprendizagem, quanto no ambiente externo, as relações familiares e as influências extrínsecas. O diagnóstico se dá por meio de coletas de dados através de entrevistas com todos os envolvidos no processo de aprendizagem, observação do espaço escolar e na análise de documentos. Com os resultados obtidos após as análises, o profissional apresenta as propostas de intervenção à instituição e a auxilia.

Já na área clínica, a Psicopedagogia atua diretamente com a criança que apresenta dificuldades relacionadas à aprendizagem. Assim, o psicopedagogo verifica qual é a área do desenvolvimento que está prejudicando esse processo, seja de ordem cognitiva ou emocional.

Durante toda a vida o indivíduo está em constante aprendizagem. Essa aprendizagem recebe influências do meio e tem a ver com a maneira como o sujeito se apodera do conhecimento, pois, segundo Fernandez (1998, p. 107), “a modalidade de aprendizagem é como uma matriz, um molde, um esquema de operar que vamos utilizando nas diferentes situações de aprendizagem”.

A família tem um papel fundamental no processo de aprendizagem, pois é na família que a criança inicia a construção do conhecimento, que se dá por meio das relações vinculares, e que vão influenciar sua forma de ver o mundo, como se relacionar com outros indivíduos e como lidar com as situações que lhe serão apresentadas. Segundo Chamat (1997), se nas relações afetivas ocorrer algum bloqueio, isso comprometerá um vínculo saudável entre o que ensina e o que aprende, seja no ambiente familiar ou escolar.

O psicopedagogo inicia seu trabalho a partir das queixas apresentadas pela família e pela escola e ela deve ser observada ao longo das sessões realizadas com o aluno. A leitura das queixas apresentadas, possibilitam a compreensão em relação a preocupação de ambos com o processo educacional da criança. A partir das queixas e da entrevista realizada com a família, a *Anamnese*, podem surgir pistas de como a família e a própria criança relaciona com a aprendizagem.

Weiss (2003, p. 60), diz que a *Anamnese* possibilita observar o passado, compreender o presente e o futuro do aprendente, pois ela carrega “preconceitos, normas, expectativas, a circulação dos afetos e do conhecimento”. Partindo das atividades realizadas com a criança, entrevistas, testes e provas, é possível identificar como ela se relaciona com a família e com os envolvidos no ambiente escolar, e como isso influencia sua aprendizagem. Em seguida, apresenta as propostas de intervenção a fim de ajudar o aluno a passar pelos obstáculos que impedem a aprendizagem e aprisionam sua inteligência, como diz Fernández (1998).

O psicopedagogo conta também com uma equipe multidisciplinar para avaliar a criança no caso de haver dificuldades relacionadas a questões orgânicas.

De acordo com Weiss (2003 p. 142) é muito importante que entre a equipe multidisciplinar haja uma troca sobre as observações e resultados obtidos por cada

um acerca do paciente, pois se isso não acontece, “o diagnóstico se transforma numa soma de laudos parciais que nem sempre permitem construir a imagem global do sujeito”.

Além das questões emocionais que afetam diretamente a aprendizagem, é preciso observar se a criança é portadora de algum distúrbio ou transtorno que estão prejudicando sua vida escolar. Um deles é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o TDAH é um transtorno de origem neurobiológica que aparece na infância e acompanha o indivíduo por toda a vida adulta. Os sintomas manifestos são a falta de atenção, inquietação e impulsividade. Para Silva (2003, p.33), é preciso fazer uma observação apurada da criança. “Um observador que deve estar treinado a captar as nuances, não só no comportamento manifesto da criança”, mas trabalhar de forma minuciosa nas informações fornecidas pela família e pelo professor.

Ao diagnosticar o aluno como portador do transtorno a equipe multidisciplinar pode avaliar quais os acompanhamentos serão recomendados. Em alguns casos, além da orientação aos pais e professores, a criança precisa fazer uso de medicação para ajudá-la. Pensando na questão do *déficit* de atenção, o ideal é que a sala tenha um número reduzido de alunos e que no ambiente tenha apenas o suficiente para não desviar a atenção da criança.

O psicopedagogo deve trabalhar para que o aluno com TDAH consiga melhorar seu rendimento escolar. Para isso, ele deve orientar a equipe escolar e propor atividades que favoreçam a aprendizagem do aluno, a controlar os impulsos e estimular a participação nas atividades escolares. Por esse motivo, vê-se a importância de observar o ambiente escolar e qual a metodologia utilizada pela mesma.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 LOCAL DE PESQUISA

O presente trabalho foi realizado em uma escola conveniada com o estado de Goiás. A mesma funciona no período da manhã e está localizada em um bairro residencial mais afastado do centro da cidade. Os alunos que frequentam a escola são de poder aquisitivo mais inferior, mas não vivem em situação de extrema pobreza ou miséria.

Nesse convênio, o Estado arca com a despesa salarial dos professores e do pessoal da limpeza, por esse motivo, os alunos dão uma contribuição mensal para ajudar a escola a obter recursos para melhorias no processo ensino-aprendizagem.

A estrutura física, além das salas de aula, conta com salas da diretoria, secretaria e sala dos professores, onde também funciona a coordenação pedagógica. Possui pátio coberto, banheiros, quadra, cantina e um amplo espaço gramado.

A instituição atende 247 alunos do 6º ao 9º ano, tendo duas salas para cada turma. As salas estão em bom estado de conservação, são limpas, iluminadas e arejadas.

A escola, desde a primeira visita se mostrou bem receptiva e pronta a oferecer todas as informações necessárias para contribuir ao processo do diagnóstico do aluno.

O diagnóstico psicopedagógico foi realizado com um aluno do 6º ano, que tem onze anos. Esse foi encaminhado, com a queixa levantada pela mãe do mesmo, dizendo que seu filho tinha dificuldades de aprendizagem, pois não consegue fixar o que aprende e já foi diagnosticado com TDAH.

#### 3.2 TÉCNICAS UTILIZADAS

Para se chegar à hipótese diagnóstica psicopedagógica foram realizadas Entrevistas com a família e a criança; Observações do aluno e da escola, a fim de identificar os possíveis entraves para que a aprendizagem não aconteça. Além da Hora do Jogo e de Provas Projetivas, Pedagógicas, Operatórias, bem como a utilização de Jogos Diversos e Desenho Livre.

O diagnóstico psicopedagógico deu início com a *Anamnese* feita com a mãe. Segundo Weiss (2003), é na *Anamnese* que o psicopedagogo pode colher dados significativos sobre a vida do aluno e a partir da análise do seu conteúdo obter dados para levantar as possíveis hipóteses sobre as dificuldades que foram relatadas sobre a aprendizagem da criança.

Weiss (2003) ainda pontua que a *Anamnese* precisa ser bem conduzida e tudo precisa ser registrado. Sendo assim, o psicopedagogo deve estar bem atento a tudo que for relatado, pois é fundamental estar com o olhar e a escuta em alerta.

Outra técnica utilizada foi a Hora do Jogo que segundo Fernández (2001), é uma atividade que ajuda o psicopedagogo a compreender alguns processos que causaram problemas no aprendizado.

As Provas Projetivas são técnicas que, segundo Weiss (2003, p. 117), trabalham com tarefas propostas que “permitem uma diversidade de respostas, havendo, portanto, o livre jogo da imaginação, da fantasia, dos desejos”.

Já as Provas Pedagógicas, segundo Weiss (2003), consistem em utilizar textos para verificar a leitura e a escrita, operações matemáticas, a fim de identificar o nível de aprendizagem em que a criança se encontra.

De acordo com Weiss (2003), as Provas Operatórias são aplicadas com fim de determinar algumas noções básicas do desenvolvimento cognitivo e identificar em que nível está a compreensão da criança.

Outro instrumento também importante são os distintos jogos. Para Fernández (2010), o jogo é uma importante ferramenta que pode ser utilizada durante o diagnóstico psicopedagógico. Para a autora,

O jogar-brincar da criança não é só produtor do sujeito enquanto sujeito desejante, mas também enquanto pensante. A inteligência se constrói a partir do jogar-brincar. Um ato inteligente é um ato de desadaptação criativa com a realidade. Precisamos dar conta do que se nos oferece, para poder transformá-lo (Fernández, 1991, p. 71).

O Desenho livre é outro instrumento relevante para se observar o que está no inconsciente da criança. Antes de aprender a escrever, a criança já se expressa através do desenho. O desenho é espontâneo, é construído a partir do que ela quer mostrar, do que está no seu interior. Portanto, o desenho é a livre expressão de seus sentimentos.

Para Mèredieu (1999), o desenho infantil é como uma língua com seu próprio vocabulário e sintaxe. Hammer (1981) por sua vez ressalta que, por meio do desenho as crianças transmitem coisas que não conseguiram expressar com

palavras, ainda que elas estivessem conscientes dos sentimentos que as mobilizam. Do mesmo modo, Rocha (1970) afirma que, ao desenhar espontaneamente a criança cria uma estrutura que a leva com maior facilidade em direção às suas emoções, fantasias e sentimentos. (*Apud*, SILVA, 2010, s/p)

Sendo assim, o desenho tem muito a dizer sobre a criança e sobre seus sentimentos. Conforme Weiss (2003), o desenho é uma maneira da criança se expressar de forma espontânea. A forma como cada criança desenha deve ser levada em consideração e analisada de acordo com o que a mesma apresenta não só no papel, mas também em seus relatos sobre sua ilustração.

### 3.3 PROCEDIMENTOS

Os atendimentos foram realizados numa sala cedida para realização do trabalho, equipada com todos os materiais necessários para realização dos mesmos.

Para isso, foram realizadas dez sessões, sendo duas semanais, com duração de quarenta minutos cada. Para se referir à criança, foram utilizadas as iniciais JP. O aprendente com 11 anos, cursando o 6º ano do ensino Fundamental, apresentou a seguinte queixa apontada pela escola e pela família: falta de atenção e dificuldades na leitura e escrita e na matemática.

## 4 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico psicopedagógico, segundo Weiss (2003), é uma investigação que vai auxiliar o psicopedagogo no esclarecimento da queixa apresentada pela família ou pela escola. Ele, portanto, auxilia, aponta o caminho para o profissional compreender como se dá a aprendizagem.

Fernandez (1991, p. 91), diz que o “nosso modo de diagnosticar talvez tenha a ver com olhar-conhecer a criança através da família”. Por esse motivo, a importância de conversar com a família e colher dados através da *Anamnese*, observação da criança no ambiente escolar e conversar com os professores. Para isso, é preciso fazer uma descrição minuciosa de todos os dados colhidos, pois eles serão essenciais para o processo de investigação para se ter um diagnóstico preciso do aluno.

### 4.1 IDA À ESCOLA

Durante o estágio foram feitas algumas visitas à escola, à qual foi receptiva e pronta a dar todas as informações sobre sua rotina e funcionamento.

Devido à falta de recursos, a escola pede uma contribuição mensal de vinte reais mensais para auxiliar nas despesas de água, luz e telefone. Como muitos alunos deixam de contribuir, os recursos para investir em melhorias para a própria escola são poucos.

A instituição, que atende alunos do Ensino Fundamental II, possui duas salas de cada turma e uma sala com televisão, datashow e notebook para as aulas interativas.

O espaço físico, de modo geral, é amplo. Assim como as salas de aulas o pátio, quadra e um espaço gramado são bem amplos. As salas de aula, o espaço externo e os banheiros estão sempre limpos. As salas de aula, além de janelas, possuem ventiladores para mantê-las mais arejadas nos dias mais quentes.

Quanto a parte organizacional, a escola conta com duas funcionárias na secretaria, responsáveis por toda a parte de documentação e apoio pedagógico, como fornecer cópia de atividades e avaliações. A direção, coordenação e o corpo docente possuem um bom relacionamento, mostrando um diálogo e acessibilidade entre a direção, coordenação e professores e vice-versa.

## 4.2 ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

A entrevista com as professoras não pôde ser realizada durante as primeiras visitas à escola, pois as mesmas julgavam ser pouco o período de conhecimento do aluno.

Após algumas semanas, foi possível entrevistar três professoras que apresentaram a mesma queixa em relação ao aluno. Qual seja: embora o educando seja participativo e possua um bom relacionamento com os colegas, apresenta dificuldades de comportamento, falta limite e possui dificuldades na escrita – letra feia e números malfeitos nas operações matemáticas. As mesmas pontuaram a necessidade de acompanhamento das tarefas de casa.

## 4.3 OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA

### 4.3.1 Observação da criança na escola – sala de aula

JP senta-se na fileira ao lado da janela, no último lugar. Na aula de Ciências, os alunos estavam estudando os movimentos da Terra. A professora fez uma revisão do conteúdo para a prova.

Observou-se que a professora tem um bom relacionamento com os alunos e domínio da turma. Fala com voz mediana e sempre pede a participação da turma durante a revisão. Os alunos participam ativamente da aula. Ela sempre chama a atenção da turma e aguarda para retomar o assunto.

JP participa da aula e fala alto. Às vezes faz “gracinhas”, cutuca e conversa com o colega da frente. Durante a correção das tarefas, a professora acompanha e completa os exercícios que os educandos não tinham feito. Algumas informações sobre o assunto estudado, o educando em questão, não soube responder. A professora solicitou alguns alunos para explicar alguns conceitos. Ela não anda pela sala para verificar se os alunos estão fazendo as atividades.

No final da aula, ela avisou que os alunos que não conseguissem terminar a tarefa, não iriam para o recreio. Ao tocar o sinal, JP já se levantou e foi levando o caderno para a professora para não perder o tempo do intervalo.

Na aula de Matemática, os alunos fariam a primeira avaliação do ano. A professora passou todas as orientações sobre a prova antes de aplicá-la. Explicou

que os alunos não poderiam levantar para pegar material emprestado, nem fazer perguntas durante a prova. A professora possui um bom relacionamento com a turma, fala com tom moderado.

Os alunos ficaram falando sobre a nota que esperavam tirar e, se conseguissem a média, já estariam felizes. O JP disse que se tirasse nota três, já era suficiente. Enquanto a professora estava revisando o Sistema de numeração, ele estava conversando com um colega ao lado.

Depois do recreio, JP voltou mais agitado e enquanto a professora aguardava a coordenadora para entregar as provas, ele ficou conversando. Porém, ele não saiu do lugar para conversar, entretanto, fala alto e quando quer falar com alguém, pede para que o colega vá até sua mesa.

A prova veio xerocada e a professora fez a leitura da mesma e deu mais algumas orientações, inclusive pediu para que os alunos deixassem todos os cálculos e anotações na prova, ao invés de usar rascunho. Ela organizou os alunos na sala, afastando-os, dando mais espaço de uma mesa para a outra.

Durante a prova, o aluno em estudo, não seguiu uma sequência para resolver os exercícios. Sempre que alguém conversava, ele desviava o olhar para quem estava falando. Fazia a leitura de algumas questões e ficava pensando na resposta. Em alguns momentos se distraía e depois se voltava para a prova.

Em um determinado momento, ficou muito tempo fazendo a ponta da lapiseira, mas depois desistiu e pegou um lápis para continuar fazendo a avaliação.

No ambiente escolar apresenta falta de atenção e agitação.

Quanto à observação do material escolar, o aluno utiliza um caderno universitário para todas as disciplinas que estuda. Ao observar seu caderno é possível perceber que o mesmo não faz uso adequado do mesmo, pois salta folhas, há uma boa quantidade de tarefas incompletas e não há demonstração de capricho ou empenho na execução das atividades. Mesmo assim, o caderno está em bom estado de conservação. Demonstra ter cuidado com seus materiais, mantendo-os sempre guardados na mochila. As atividades e o conteúdo trabalhado estão de acordo com o proposto para a série que o mesmo está cursando.

Através da observação, foi possível perceber que o aluno é inquieto, desvia a atenção a todo tempo e embora seja cuidadoso com seus materiais, não mostra empenho em realizar as tarefas propostas. Também foi possível identificar aspectos referentes a queixa apresentada pela mãe e pela escola.

### 4.3.2 Observação da criança na escola – fora da sala de aula

Este momento foi realizado na hora do recreio. Durante o período, foi possível observar que o aluno apresenta um bom relacionamento com vários colegas da escola. Em um dos intervalos ele ficou andando pelas dependências, sempre acompanhado e conversando com alguém.

Numa outra observação, ele foi para a quadra jogar bola. Depois ficou com alguns colegas conversando.

Após a observação, foi possível concluir que o aluno apresenta um bom relacionamento com os colegas de sala e demais colegas da escola, ou seja, o mesmo estabelece um vínculo afetivo com aqueles presentes no ambiente escolar.

### 4.4 ANAMNESE

A *Anamnese* (Anexo A) é fundamental para o processo da avaliação psicopedagógica. Ela fornece muitas informações sobre o aprendente e dados que são fundamentais para a condução do trabalho do psicopedagogo. Através de tais dados é possível encontrar caminhos para auxiliar a criança que apresenta dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Fernández (2003), a *Anamnese* mostra como a família enxerga essa criança e qual posição ela ocupa na vida de cada familiar. Na entrevista, é possível identificar que a família também precisa de direcionamentos para ajudar e tratar a criança e como lidar com as distintas situações.

JP tem 11 anos e é o filho caçula de quatro irmãos. A diferença de idade entre eles é consideravelmente distante. As irmãs têm 23 e 20 anos e o irmão tem 17 anos de idade. A mais velha é formada em arquitetura e já está casada. Portanto, não mora com a família. A outra planeja ingressar no Ensino Superior e o irmão está cursando o Ensino Médio. Os pais são casados, têm nível superior e trabalham fora. O pai trabalha com vendas e a mãe é professora.

A gestação de JP não foi planejada, mas foi bem tranquila e bem acompanhada. O parto foi cesariano, por ele ser um bebê grande. A mãe relatou que ele não chorou logo ao nascer. Logo após alguns cuidados realizados no nascimento, ele mamou e sempre o fazia com exagero. Às vezes acontecia de vomitar e tinha

prisão de ventre. Ele amamentou durante o primeiro ano e nesse período foram introduzidos sucos, frutas e papinhas.

Seu desenvolvimento motor como: sentar, engatinhar, andar e falar aconteceu dentro do primeiro ano de idade. Com um ano a mãe já iniciou a tirada das fraldas durante o dia, mas ele só teve controle esfíncteres com dois anos e seis meses. Durante a noite, o controle da micção só foi estabelecido aos quatro anos de idade.

Tem um sono agitado com pesadelos constantes, grita e tem momentos de sonambulismo. Às vezes, ainda chama um dos pais ou vai para o quarto deles num desses momentos difíceis, mesmo dormindo no mesmo quarto que o irmão.

Desde criança nunca teve problemas de brincar com outras crianças, nem de compartilhar seus brinquedos. Não tem problemas de adaptação ao meio com outras crianças, pois faz amizades facilmente e as conserva.

Quanto à socialização, gosta muito de sair, de conversar com outras pessoas. Gosta de jogar bola e brincar na rua com os colegas, mas a mãe só permite com um tempo determinado. Atualmente, faz escolinha de futebol, algo que ele desejava muito.

Sua semana segue a mesma rotina praticamente todos os dias. Estuda no período da manhã, faz escolinha de futebol duas vezes por semana, no final da tarde. Alguns dias à noite vai para a igreja, pois seus pais são líderes em algumas atividades e ele é coroinha. No domingo vai à missa e janta na casa da avó paterna.

Quanto às relações afetivas, costuma chorar quando passa por alguma situação em que se sente ameaçado. Às vezes mente para se livrar de algumas situações. Fantasia alguns momentos, pois pensa que essas podem ser resolvidas conforme imagina. Suas emoções são demonstradas de maneira normal, não é indiferente, mas também não é intenso. Demonstra carinho com os familiares, com bebês e com os animais sempre. Não demonstra ciúmes, nem inveja é sempre piedoso com os que buscam sua ajuda. Seus momentos de raiva ocorrem apenas em algumas situações, como no futebol, por exemplo, mas logo passa. Se relaciona bem com as pessoas de todas as idades, mas prefere fazer amigos que tenham a mesma idade que sua.

Quando ainda era pequeno, frequentou a creche por um período, e ficou também aos cuidados da avó paterna enquanto a mãe estava trabalhando. Depois que estava maior, os irmãos ajudavam no cuidado.

Quanto à escolaridade, frequentou a creche e depois a pré-escola. Para a mãe, ele não mudou muito de escola, mas considerando a creche, essa é sua quarta escola. Sempre gosta da escola, dos professores, recebe ajuda para fazer as tarefas, mas não busca estar em destaque na sala de aula.

Em sua atual escola, que começou a frequentar esse ano, foi com muita vontade de estudar e estava ansioso pelo início das aulas. Esse é o primeiro ano em que estuda pela manhã e, sempre levanta disposto para ir à escola. Gosta da escola e está mais interessado em fazer as tarefas.

Sempre fala com os pais sobre os professores fazendo elogios. Como os irmãos são mais velhos, as discussões entre eles ocorrem com pouca frequência.

A mãe pontua os principais adjetivos do filho: descuidado, sociável, asseado, participativo, esperto, persistente e carinhoso. Fazendo uma comparação entre os irmãos, ela disse que os filhos frequentaram escola de música e tocaram em orquestras. Atualmente, tocam na igreja, gostam de música clássica, mas o JP não se interessa em aprender nenhum instrumento e ainda gosta de *funk*, estilo musical que a família abomina.

A mãe conta que, quando o aluno cursava o primeiro ano, observou algumas dificuldades relacionadas a aprendizagem. Por isso, decidiu fazer uma avaliação neurológica que apresentou como resultado o TDAH e desde então, o mesmo faz uso de medicação para melhorar a atenção e concentração.

#### 4.5 ENTREVISTA COM A CRIANÇA

Além de ouvir a família e a escola, é de fundamental importância que o psicopedagogo também faça a entrevista com a criança (Anexo B). De acordo com Visca (1987), a primeira sessão diagnóstica deve ser a Entrevista Centrada na Aprendizagem:

Em todo momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea, porém, dirigida de forma experimental. Interessa observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedades, áreas de expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical, etc. (Visca, 1987, p. 72).

Para Weiss (2003), o mais importante da entrevista é extrair “contribuições para o conhecimento e compreensão do paciente nas áreas cognitiva, afetivo-social e

pedagógica”. A partir daí, observar as informações coletadas e verificar se elas serão confirmadas durante as avaliações utilizadas no diagnóstico psicopedagógico.

O aluno JP, tem 11 anos e nasceu no dia 21 de setembro de 2006. Está no 6º ano, no período matutino e estuda em uma escola conveniada com o Estado, no bairro onde mora. Sua mãe é professora e o pai é vendedor.

Em casa, o que mais gosta de fazer, segundo seu relato, é ficar no celular e comer. Não gosta de ficar sem ter o que fazer. Quanto às tarefas escolares, disse que, às vezes, faz na hora do recreio, mas costuma fazer em casa, à noite. Para realização das atividades, conta com a ajuda da mãe. Segundo o aluno, ela explica a tarefa, ele entende e responde.

Costuma brincar com os colegas da vizinhança e esses vão em sua casa para mexer na bicicleta, brincar e comer.

A família gosta muito de viajar, mas não fazem passeio com frequência. Sempre que viajam costumam ir para os mesmos lugares. Ele prefere ir para uma localidade onde tem rio, porque gosta de nadar. Nos finais de semana arrumam a casa, no domingo vão à igreja e jantam na casa da avó paterna.

Na escola é amigo de todos. Mas seu melhor amigo é um colega que se senta à sua frente, pois no primeiro dia de aula não tinha copiado uma tarefa e então sentou-se ao lado do colega para copiar. A partir daí, ficaram amigos.

Diz que gosta de estudar e sua matéria preferida é Ciências. Não tem nada que não goste. Gosta de Ciências porque descobre o mundo, mas não aprecia a Matemática porque tem muita conta. Sua professora preferida é a de Ciências, porque ela é legal, explica bem e faz o aluno ler o texto várias vezes para entender o assunto.

Para ele, o que é mais fácil fazer é brincar na hora do recreio, pois é o momento de lazer. O que é mais difícil de fazer é estudar, principalmente por causa da Matemática, que tem que fazer muitas contas.

#### 4.6 A HORA DO JOGO

A Hora do Jogo é uma atividade onde se apresenta uma caixa com diversos materiais para a criança brincar. Deve-se observar e fazer anotações de tudo o que fará com a mesma.

Consiste em observar como a criança fará a exploração do que foi oferecido na caixa. Segundo Fernández (1991), a Hora do Jogo possibilita entender o porquê de a

criança apresentar alguma patologia no aprender, observar a aptidão para criar e imaginar e possibilitar o desenvolvimento e posterior análise das significações do aprender.

Na caixa havia folhas de papel branca e colorida, papéis de outras espessuras, fita adesiva de vários tamanhos, massinha de modelar, cola, lápis de cor, lápis de escrever, apontador, tesoura, dominó, Mini fazendinha Playmobil.

Na caixa o que lhe chamou atenção de imediato, foi a Mini fazendinha. Depois viu os papéis embaixo da caixa e resolveu pegar um deles, fez um desenho e depois recortou. Ao perguntar o que estava fazendo, disse que construía uma máscara. Usou apenas o lápis de escrever para desenhar a máscara.

Escolheu um outro papel, fez dobras e depois recortou. Enquanto estava recortando, ficava com os olhos bem fixos no papel e com a língua entre os lábios. Ao perguntar o que havia feito, respondeu que era uma “ratinha” (pipa de papel).

Em seguida, voltou para a caixa e pegou a caixa da Mini fazendinha e começou a montá-la. Observou a foto da caixa e começou a montar as partes da mesma maneira.

Ao perguntar se gostava de fazenda, respondeu que sim e o que mais gostava era andar a cavalo. Disse que sua irmã mais velha sempre o leva para a fazenda. Começou a amarrar cavalos com as correias de borracha para prendê-los à carroça. Tentou fazer várias amarrações até conseguir. Durante esse período, foi possível observar o quanto estava concentrado no que estava fazendo. Na amarração do segundo cavalo, foi mais difícil, mas ele não desistiu.

Depois perguntou se estava faltando peças e apontou na foto da caixa quais peças estavam faltando. Fez a montagem da fazenda de várias formas, mas depois procurou reproduzir a foto da caixa.

Ao ser informado sobre o término da atividade, mesmo sem ser orientado, guardou os brinquedos e os outros materiais na caixa, fechou-a e recolheu os papéis que recortou para jogar na lixeira.

Durante o brincar é possível observar que o aprendente é mais voltado para a aprendizagem assistemática, está mais ligado àquilo que adquiriu no dia a dia, na relação com os grupos sociais aos quais está inserido. Durante a sessão usou maior parte do tempo brincando com os cavalos, algo que gosta de fazer e que está relacionado à sua irmã mais velha, com quem tem um vínculo afetivo maior.

Mesmo utilizando algo relacionado ao que lhe dá prazer e alegria, poderia ter criado diversas situações com os objetos, mas na maior parte das vezes, se preocupou apenas em reproduzir algo pronto, ou seja, ele mais copiou do que criou. Os outros materiais, que são mais utilizados no dia a dia escolar, não lhe despertou interesse. Ao utilizar os papéis, desenvolveu apenas propostas de trabalho que estão relacionadas ao brincar, ao dia a dia com os colegas da vizinhança, e não com o que acontece no meio escolar.

Com relação a modalidade de aprendizagem, o aluno foi classificado, segundo Fernández (1991, p. 110), como hipoassimilativo/ hiperacomodativo. “Na hipoassimilação é possível verificar um déficit lúdico e criativo. Na hiperacomodação ocorre a pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação e falta de iniciativa.”

De acordo com Visca (1987), o obstáculo encontrado foi o epistemofílico. Durante a atividades foi possível perceber que o aluno não se apropriou de objetos relacionados à aprendizagem, mas somente aos que lhe davam prazer e alegria.

## 4.7 PROVAS OPERATÓRIAS PIAGETIANAS

### 4.7.1. Provas de conservação

#### a) De comprimento

Foram apresentados dois barbantes com comprimentos diferentes e o aluno deveria observar se os comprimentos eram iguais. Ele observou que um era maior que o outro. Foi pedido para ele verificar qual era o maior e o mesmo o identificou.

Depois o barbante maior foi disposto em formas de curvas, e o outro em linha reta, deixando que os extremos se coincidam, e novamente foi pedido para ele observar se ambos tinham o mesmo tamanho. Ele respondeu que o tamanho de um continuava maior, justificando que estava com curvas.

Na terceira situação o barbante maior foi disposto em curvas, mas com os extremos menores que o barbante menor, disposto em linha reta. Ao ser questionado sobre o comprimento, novamente ele respondeu que o que estava em curvas era

maior. Quando perguntou por que, ele disse que só a forma estava diferente, mas o tamanho era o mesmo.

Nesta prova, conforme Donell (1979), o aluno se encontra no nível três, pois mesmo mudando o formato do barbante ele concluiu que um era maior do que o outro, sendo, portanto, capaz de ter um pensamento reversível.

#### b) De peso

Nesta prova foi usada uma balança e pedido para que o aluno pesasse duas bolas de massinha, com o mesmo peso, para verificar se os pesos eram iguais. Ele observou e disse que ambas tinham o mesmo peso. Depois uma das bolas foi transformada em salsicha e o aluno foi questionado acerca do peso das duas e disse que sim, ambas permanecem com o mesmo peso. A justificativa foi que continuava com o “mesmo tanto”. Depois de fragmentar uma das bolas em pedaços, o aluno foi questionado novamente a dizer se uma pesava mais ou menos ou o mesmo tanto que a outra. E novamente, ele confirmou que continuava com o mesmo peso, que só estava repartida.

Nesta prova o aluno atingiu o nível três, pois de acordo com Donell (1979), embora mudasse a forma de um dos pesos, afirmava que ambos continuavam igual porque só mudava o formato, ou seja, o juízo de conservação foi mantido mesmo com as contra-argumentações.

#### c) De volume

Primeiro foi pedido para o aluno observar os copos com água e falar sobre a quantidade. Ele respondeu que a quantidade de água era a mesma nos dois copos. Depois foi-lhe apresentada duas bolas de massinha. A pergunta seguinte, foi o que aconteceria com a água se uma das bolas fosse colocada dentro do copo, o que aconteceria com essa água. A resposta foi que a água ia subir. E se fizesse o mesmo no outro copo? Ele disse que aconteceria a mesma coisa que no primeiro copo.

A outra bola foi transformada em salsicha e o aluno foi questionado sobre o que aconteceria com o nível da água se colocasse no copo. Ele disse que seria a mesma coisa, porque tem quantidades iguais. Mesmo sendo questionado sobre a bola ser mais grossa e a salsicha mais fina, ele respondeu que seria igual.

Nesta prova, de acordo com Donell (1979), o aluno atingiu o nível três, julgando cada uma das transformações com o mesmo volume, por não tirar nem acrescentar nada.

#### **4.7.2 Provas de classificação**

##### **a) Intersecção de classes**

Nesta prova coloca-se uma folha com dois círculos desenhados em intersecção. Em cada um são colocadas fichas: redondas amarelas de um lado e fichas quadradas azuis do outro. No meio dos dois, fichas azuis redondas.

A primeira pergunta feita ao aluno foi por que as fichas azuis redondas estavam entre os dois círculos. Ele disse que não sabia responder. Quanto a quantidade de fichas azuis e amarelas, disse que havia mais fichas azuis. Em relação a quantidade de fichas redondas e quadradas, disse que havia mais fichas redondas.

Ao ser questionado sobre haver mais, menos ou a mesma quantidade de fichas quadradas ou azuis, ele disse que havia mais fichas azuis, porque tinha as redondas e as quadradas que eram azuis.

Ao ser questionado sobre haver mais, menos ou a mesma quantidade de fichas redondas ou azuis, ele respondeu que tinha o mesmo tanto. Apontou para a quantidade de fichas azuis e a quantidade de fichas redondas.

Na prova de intersecção de classes, de acordo com Donell (1979), o aluno se encontra no nível três, pois, mesmo com todas as contra-argumentações, suas respostas foram corretas. Em nenhum momento titubeou para respondê-las. Apenas, não soube explicar porque as fichas redondas azuis estavam no meio, entre os dois círculos.

##### **b) Quantificação da inclusão de classes**

Nesta prova foi apresentado ao aluno 10 margaridas e 3 rosas. Ele identificou que eram flores e nomeou apenas a rosa, não sabia o nome da margarida.

Ao ser questionado sobre haver mais rosas ou mais margaridas, ele disse que havia mais margaridas, porque havia dez delas e três da outra.

Foi pedido que separasse um ramo apenas com margaridas e outro com rosas e observasse qual era maior. Ele disse que o ramo de margaridas tinha mais. Em seguida, foi questionado: se eu te dou as margaridas, o que sobra no meu ramo? A resposta foi: nada. Se eu te dou as flores, o que sobra no meu ramo? A resposta foi: nada. Se eu fizer um ramo com todas as margaridas e você fizer um com todas as flores, quem terá o ramo maior? A resposta foi: “eu”. A justificativa foi porque ele estaria com as rosas também.

Nesta prova, o aluno se encontra no nível três, de acordo com Donell (1979), pois respondeu a todas as perguntas, embora não soubesse dizer o nome da flor margarida.

Durante o teste, o aluno ficou atento na maior parte do tempo, apenas algumas vezes parecia estar disperso. As respostas aos questionamentos eram bem objetivas, e quando era feita outra questão para confirmar a compreensão dizia saber responder. Pode-se afirmar que a criança encontra-se na etapa do Pensamento Concreto, em transição para o período formal, conforme Piaget, dentro do que se espera para sua faixa etária.

## 4.8 PROVAS PROJETIVAS

### 4.8.1 Par Educativo

O teste Par Educativo (Anexo C), segundo Visca (2008), é uma técnica projetiva, cujo objetivo principal é perceber o vínculo entre quem ensina e quem aprende.

O aprendente fez o desenho no canto inferior direito da folha. Ele desenhou uma professora no quadro e outra na mesa com um livro em cima. Ao lado da mesa desenhou outra pessoa, sentada. Fez um quadro e escreveu no mesmo letras e números. Assim, foi possível observar que, conforme sua concepção, a aprendizagem acontece no ambiente escolar.

Fez um desenho de dois alunos sentados de frente para o quadro em cadeiras de tamanho desproporcional a elas, ou seja, eram maiores que as crianças. Ao ser questionado sobre ter duas professoras no desenho, falou que era uma só. Ele a desenhou em dois momentos diferentes. Quanto à pessoa que estava ao lado da mesa da professora, disse que era um aluno perguntando sobre a matéria.

Sobre a idade das pessoas, mostrou que as idades são compatíveis com os personagens. Quem ensina é a figura do ensinante e quem aprende são ele e seu irmão.

O desenho mostra que o aprendente mantém uma certa distância do ensinante, o que pode estar relacionada a uma associação negativa com a aprendizagem. Essa atitude menos positiva, pode estar relacionada a conduta do professor, em se portar como o detentor do conhecimento, de ser autoritário ou de manter-se afetivamente distante.

Todas as pessoas foram desenhadas com a cabeça contendo apenas os olhos, pernas saindo da cabeça e os braços para cima saindo das pernas. Os membros superiores e inferiores não tinham os pés, nem as mãos. De acordo com Bédard (1998), o fato de não desenhar mãos, pode estar relacionado a não se sentir capaz de dominar uma situação ou de não desejar ter o domínio. A falta de pés pode indicar necessidade de estabilidade ou dependência do meio.

No desenho, ele escreveu o nome das pessoas dentro de um balão, como o usado em histórias em quadrinho, o que pode sugerir certa criatividade. No título do desenho ele escreveu uma frase coerente à cena desenhada. Os desenhos não apresentam a imagem completa, o que pode significar dificuldade no conceito de esquema corporal.

Observando o desenho, ele é o menor de todos, o que pode sugerir que se sinta inferior aos outros em relação a aprendizagem ou seja somente por ser o mais novo.

O desenho de modo geral é pequeno para o espaço da folha, o que, segundo Jorge (2008), quando o tamanho do desenho é pequeno, pode indicar um vínculo de aprendizagem negativo, considerando o aprendiz inferior ao professor, ou também demonstrar um sentimento de desvalorização de si próprio.

No entanto, a cena foi desenhada em um contexto escolar cuja aprendizagem é a sistemática o que pode indicar desejo de aprender, abertura para a aprendizagem.

O obstáculo encontrado foi, de acordo com Visca (1987), foi o epistemofílico, pois foi possível observar durante a prova que o aluno apresenta não possui um vínculo positivo com aprendizagem.

#### **4.8.2 Família Educativa**

O objetivo desse teste, conforme Visca (2008), é averiguar o vínculo de aprendizagem do aprendente com as pessoas da família e estudar cada um desses integrantes.

Foi pedido ao aluno para que fizesse um desenho da família (Anexo D), mostrando o que cada um sabia fazer. Antes de iniciar, sorriu e disse que seria difícil desenhar o que cada um sabia fazer. A primeira pessoa a ser desenhada, foi a mãe.

Desenhou todas as pessoas da família, exceto ele. Ao questionar se a família estava completa, se já tinha desenhado todos, ele disse sim. Mas ficou olhando para o desenho com ar de incerteza. Depois disse que faltava ele. Ao perguntar se fazia parte da família, respondeu rápido: “Claro que sim!”

Nos desenhos de humanos é possível observar o corpo em alguns, o que não apareceu em outros testes. Mas continua desenhando sem as mãos e pés e, na face desenha, na maioria das vezes, apenas os olhos.

No desenho das pessoas da família, relacionou todos com o trabalho que exercem. Ele o desenhou com uma bola. Escreveu acima de cada pessoa, dentro de um balão, o que cada um sabe fazer. Ao desenhar a irmã mais nova, disse que não sabia ao certo o que ela fazia e então a desenhou mexendo no computador. Ele não pensou em atribuir a ela nenhum afazer doméstico, por exemplo. Ao falar sobre essa irmã, é possível observar que o vínculo afetivo entre eles é menor, em relação aos demais integrantes da família. Segundo Visca (2008), a criança, nesta idade relaciona o que cada um sabe fazer à sua profissão e coisas relativas a mesma. A mãe que é professora, foi desenhada ao lado de um quadro, por exemplo.

Embora saiba a idade de cada pessoa da família, observa-se que o pai é o menor e ele é o maior da família. Todos estão enfileirados, um ao lado do outro: primeiro a mãe, depois o irmão, o pai, a irmã mais nova, a irmã mais velha e ele. A mãe está desenhada num nível acima de todos os demais membros. Isso pode mostrar um vínculo maior com a mãe em relação aos demais membros da família. Também pode indicar que a mãe é a pessoa de destaque na família. Portanto, de acordo com Visca (2008), a família, para esse aprendente, é vista como referencial e isso contribui para que haja vínculo com a aprendizagem.

Ele disse que gosta muito de sua família, pois sempre estão juntos. Vão à igreja e quando viajam, todos vão, inclusive a irmã casada. Isso mostra que há vínculo afetivo entre eles.

### 4.8.3 Eu e Meus Companheiros

O objetivo desse teste, de acordo com Visca (2008), é averiguar o vínculo que o aprendente possui com os companheiros de sala.

Ao pedir para o aluno que fizesse um desenho dele com seus amigos da escola (Anexo E), começou de imediato a fazer uma quadra com ele e os amigos jogando bola. Durante o desenho, sempre virava a folha, mudando sua posição, para desenhar. A bola foi desenhada mais próxima dele.

Sendo questionado sobre quem eram e qual a idade dos amigos, a resposta foi que eram os colegas da sala e amigos da vizinhança e eram, todos, da mesma idade. São os amigos de que mais gosta de brincar porque são da mesma idade.

Ao ser questionado sobre o porquê de desenhar o futebol, disse que era o que mais gostava de fazer.

Ao perguntar-lhe quem era o melhor no futebol, ele respondeu rapidamente e com um sorriso no rosto: “Eu, porque eu faço escolinha”. Ele o desenhou no centro do campo com a bola e colocou apenas as iniciais de seu nome: JP. O fato de desenhá-lo no centro, pode ser porque se considera melhor no jogo em relação aos colegas.

No desenho explorou toda a folha para fazer o campo, o que indica a importância que se dá ao vínculo com os amigos. Ele e os amigos, foram desenhados em tamanhos iguais, mas pequenos, o que indica uma relação igualitária. Observa-se que no desenho da figura humana faltam muitos membros, inclusive corpo. Alguns não têm a face e outros não têm pés. Bédard (1998) diz que a falta de pés pode indicar necessidade de estabilidade ou dependência do meio.

Desenhou mais seis colegas, onde apenas dois estavam próximos a ele. Outros dois aparecem distantes dos demais e um do outro. A posição que cada um ocupa no desenho, mostra o vínculo que cada um tem com o aprendente. Os amigos que foram desenhados próximos, pode mostrar que há um vínculo maior entre eles e os que estão mais afastados pode mostrar falta de integração.

Os nomes dos colegas foram escritos com letra minúscula, e alguns ainda faltando letra, o que mostra a falta de compreensão das regras da escrita condizentes com a sua idade. Conforme Furtado (2010), essa dificuldade pode identificar problemas de estruturação espacial, ou seja, a falta de desenvolvimento de ordem espacial, temporal e lateralidade, refletem diretamente na escrita.

#### 4.8.4 Quatro Momentos de Um Dia

O interesse desse teste, conforme Visca (2008), é averiguar como a criança utiliza o tempo em um dia comum.

Foi entregue ao aluno uma folha em branco dobrada em quatro partes (Anexo F). A orientação era que ele desenhasse em cada um dos quatro espaços, momento do seu dia, desde o acordar até a hora de dormir.

Ao receber a folha e as orientações, disse que não conseguiria desenhar. Como desenhá-lo levantando, indo para a escola? Seria muito difícil. Então, foi feita a seguinte pergunta: onde você está quando se levanta? Ele respondeu: na cama. E então, começou a desenhar.

Antes de iniciar o primeiro desenho, pediu uma régua para fazer a divisão dos quatro espaços. Mesmo utilizando a régua, a divisão não ficou com a mesma medida para cada espaço.

No primeiro espaço, no canto esquerdo acima, fez o desenho dele na cama e escovando os dentes. No segundo espaço, no canto superior direito, se desenhou na frente da escola, na hora da entrada. No terceiro espaço, no canto inferior esquerdo, se desenhou saindo da escola. No último espaço, no canto inferior direito, se desenhou chegando em casa.

Embora tenha realizado o teste, escolheu apenas o momento da manhã e optou por apresentar suas atividades relacionadas à casa e à escola.

O fato de mostrar na cena o seu quarto e ele escovando os dentes—nesse mesmo ambiente, mostram, segundo Visca (2008), um vínculo com o quarto. O educando não apresenta a internalização do conceito de esquema corporal de acordo com a idade, pois na figura de pessoas as fazem faltando membros.

O fato de não ter explorado outros períodos do dia, pode indicar que fez uma escolha automática para representar seu dia ou por achar o dia monótono, corriqueiro, sem algo que dê maior importância, segundo Visca (2008). Mesmo tendo retratado seu dia considerando apenas o período da manhã, o mesmo demonstrou coerência e internalização do conceito de orientação temporal.

#### 4.9 PROVAS PEDAGÓGICAS

As provas pedagógicas de acordo com Weiss (2003), consistem no uso de materiais que trabalham com leitura, escrita e matemática a fim de investigar o nível de aprendizagem da criança.

#### **4.9.1 Leitura**

Nas duas atividades propostas para o educando para observar sua capacidade de leitura e compreensão de texto, o educando mostrou-se resistente, não querendo realizá-las, dizendo que não gostava de ler. Todavia, logo em seguida, deu início à leitura, à qual realizou de modo fluente, com tom de voz adequado. Por algumas vezes a leitura perde o ritmo, por não obedecer a pontuação. Ao realizar a interpretação do texto, o fez de modo sucinto e restrito resumindo em apenas duas frases. Depois, fez o relato da história.

#### **4.9.2 Escrita**

Na produção escrita, o educando apresenta-se, de acordo com Emília Ferreiro (1985), no nível de escrita alfabético, porém com muitas falhas ortográficas e gramaticais. É possível observar nas frases escritas que não há uso das regras da escrita. Há mistura de forma das letras (cursiva e bastão) e letras maiúsculas no meio da frase.

Contudo, seu texto foi coerente, pois apresentou sequência de fatos, embora ao relatá-los, o fez de forma confusa.

#### **4.9.3 Raciocínio Lógico Matemático**

Na Matemática foram realizadas operações com cálculos envolvendo as quatro operações. Segundo Weiss (2003), deve-se observar se o aluno tem capacidade de estruturar uma operação, o conhecimento do sistema decimal e o valor posicional dos algarismos, captar a relação entre o cálculo mental e o realizado por escrito.

Nas atividades propostas, o educando foi capaz apenas de realizar operações de adição e subtração, apresentando dificuldades nas demais operações, sobretudo nas que se referem à divisão. Utilizou-se de recursos concretos como contar os dedos

ou fazer palitinhos no papel para resolver as operações. Portanto, de acordo com Weiss (2003), o aluno apresenta dificuldades nas demais operações, por apresentar dificuldades em realizar cálculos mentalmente e relacioná-los aos cálculos escritos.

#### **4.9.3.1 Jogos de raciocínio lógico-matemático**

Os jogos são ferramentas muito importantes no processo de aprendizagem. De acordo com Ferreira (2001), a atividade lúdica contribui para a socialização, pois desenvolve hábitos de convivência, para que a criança aprenda a controlar seus impulsos e para trabalhar aspectos como interdisciplinaridade, heterogeneidade e trabalhar o erro de forma positiva, fazendo com que a mesma seja agente de seu próprio desenvolvimento.

Os jogos de raciocínio lógico-matemático por sua vez, desenvolvem no aluno a capacidade de raciocínio, de buscar soluções para um problema, de expressar suas ideias.

##### **a) Jogo da memória**

O objetivo do jogo da memória é observar como está o nível de concentração, atenção, percepção, autonomia e memória. De acordo com Freire (2002), os jogos estimulam essas áreas do cérebro.

Quando foi apresentado o jogo ao aluno, o mesmo já foi logo apanhando a caixa e arrumando o mesmo (conforme a regra geral). Depois perguntou que começaria a jogar e indicou a ensinante.

Quando havia quatro peças sobre a mesa, o aluno notou que duas peças estavam sem o par, e disse que estavam faltando. Então foi perguntado a ele o que deveria ser feito. O mesmo tirou as peças e colocou ao lado. Depois sugeriu mais uma partida.

Sempre que encontrava os pares, demonstrava muita alegria. Sempre que a estagiária pegava uma peça, ficava muito atento, concentrado observando a figura que estava na peça. Obteve vitória nas duas partidas, sendo que na primeira foi com diferença de apenas um par e na segunda com dois pares. Nota-se que a criança apresenta atenção, percepção e memória satisfatória.

## **b) Pega-Varetas**

O jogo pega-varetas apresenta desafios que leva a criança a pensar, buscar as hipóteses, testar, planejar. De acordo com Furtado (2012), eles auxiliam na percepção visual, na atenção e raciocínio e na coordenação motora fina.

Ao propor o jogo para o aluno, foi entregue uma folha para que fizesse as anotações da pontuação. Ao apanhar a folha, falou sorrindo: “Eu vou ganhar”.

Ao ser questionado sobre as regras do jogo, falou que as informações estavam na embalagem. Então fez a proposta de dar a pontuação de cada cor da vareta.

Durante o jogo, permaneceu bem concentrado durante todas as jogadas. Às vezes torcia para que a pesquisadora mexesse as varetas para que assim pudesse jogar. Durante suas jogadas, observava bem o emaranhado de varetas para depois fazer a jogada.

Ele contou as varetas no final de cada partida e depois fez as anotações dos pontos na folha. Durante a contagem dos pontos algumas vezes contava nos dedos, outras vezes tentava fazer a soma de cabeça, utilizando a capacidade de abstração. Confirmando-se novamente que o mesmo se encontra no período de transição do pensamento concreto para o abstrato, relatado nas Provas Operatórias. Quando foi somar a pontuação total, teve certa dificuldade. Ao somar números na casa de unidades, só conseguiu utilizando o concreto, contou nos dedos.

Pediu para jogar uma segunda rodada. Quando a ensinante pegou a vareta preta logo no início do jogo, ele disse: “Ih! A senhora vai ganhar! Depois de concluir a jogada, fez novamente a soma dos pontos e ficou todo sorridente e disse: “A senhora perdeu de novo”. Quis jogar uma terceira vez, mas foi comunicado que, no momento seriam apenas as duas jogadas.

Durante o jogo, foi possível perceber a capacidade de o aluno ao tomar decisões e a autonomia ao propor as regras e fazer as anotações. Em alguns momentos também arriscou jogadas, com cautela, mas sem medo de perder. Notou-se também que em algumas horas, quis antecipar o que ia acontecer, como se considerar vencedor antes de começar o jogo e o fato de que pegar a vareta com maior pontuação garante a vitória.

O fato do aluno querer jogar mais uma partida, mostra sua satisfação em ganhar e desejar melhorar seu desempenho.

#### 4.10 DESENHO LIVRE

Segundo Piaget (1973), o desenho é uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas através das quais a função de atribuição da significação se expressa e se constrói.

Nesta atividade, foi pedido ao aluno que mostrasse o que ele sabia fazer (Anexo G). Para isso, foram oferecidos os seguintes materiais: folhas coloridas e brancas, lápis, borracha, lápis de cor, tesoura, apontador, canetinha, cola, tinta.

O aluno escolheu uma folha de papel sulfite branca, pegou um lápis de escrever e disse que ia desenhá-lo jogando bola. Durante a execução da atividade, primeiro desenhou parte de um campo com as linhas do futebol. Fez o desenho apenas no canto esquerdo da folha.

Após terminar o desenho, disse: terminei. Ao ser questionado sobre pintar o desenho, disse: eu não gosto de pintar. Mas depois pegou o lápis e pintou, usando poucas cores. Durante a pintura, fez o traçado do lápis em várias direções. Enquanto pintava o desenho, virava a folha em várias direções e ora mordida os lábios, ora passava a língua entre eles. Ele escreveu: “Nesse desenho eu fiz eu batendo um pênalti e fiz um golaço”. (SIC). Ao perguntar se ele era bom no futebol e de imediato disse que sim, que gostava muito de jogar bola. Ele joga bola na rua, na escola, e faz escolinha de futebol.

O desenho do aluno mostra uma situação que lhe traz momentos de alegria e satisfação. Segundo Rocha (1970), o desenho livre proporciona à criança liberdade para expressar suas emoções, fantasias e sentimentos.

## **5 INFORME PSICOPEDAGÓGICO (Relatório Psicopedagogia Clínica)**

### **I – Identificação**

Aluno denominado para efeitos de Diagnóstico como JP com 11 anos de idade, regularmente matriculado e frequentando o 6º ano do Ensino Fundamental.

### **II – Motivo do Encaminhamento**

- ✓ Queixa da Família: o aluno tem dificuldades na aprendizagem, não consegue reter o que aprende na escola, tem muita dificuldade na Matemática, na escrita correta das palavras, interpretação e produção de texto. Tem diagnóstico de TDAH.
- ✓ Queixa da Escola: o aluno tem dificuldades relacionadas ao comportamento, na escrita e em matemática. O mesmo precisa de acompanhamento nas tarefas de casa.

### **III – Período de Avaliação**

10/03/2018 a 24/04/2018– 10 sessões

### **IV – Instrumentos de Avaliação:**

- Anamnese;
- Entrevista com o educando;
- Hora do jogo;
- Provas projetivas;
- Provas pedagógicas;
- Provas operatórias;
- Jogos Diversos;
- Desenho Livre.

### **V – Dados relevantes da Anamnese**

A criança é caçula de quatro irmãos, com diferença considerável entre eles. A mãe conta que a gravidez não foi planejada, mas foi tranquila. O parto foi cesáreo, devido ao tamanho do bebê. Não chorou de imediato ao nascer, às vezes vomitava depois mamar e tinha prisão de ventre. Só teve controle da urina, à noite, depois dos 4 anos.

Tem o sono agitado, com pesadelos constantes, às vezes grita e tem momentos de sonambulismo. Nesses momentos, busca a presença dos pais, mesmo dormindo no mesmo quarto do irmão mais velho.

Nas relações afetivas, costuma chorar quando passa por alguma situação em que se sente ameaçado. Às vezes mente para se livrar de algumas situações, fantasia outras, pensando que as mesmas podem ser resolvidas conforme sua imaginação.

Contando com a creche, essa é a quarta escola que frequenta. A escola em que está atualmente, é a primeira em que estuda no período matutino.

O aluno se adaptou bem à escola que frequenta atualmente. Tem um bom relacionamento com os colegas não só de sua própria sala de aula como também de outras. Segundo relatos da família, ele levanta sempre disposto para ir ao colégio e faz comentários positivos sobre os professores.

## **VI – Atitudes em Atividades**

Durante o processo de avaliação, a criança demonstrou tranquilidade, cooperação e participação. Na prova a Hora do Jogo, demonstrou interesse nos materiais relacionados a aprendizagem assistemática. Durante as provas onde tinha que realizar cálculos, ler ou produzir textos, demonstrou certo incômodo, às vezes mordendo os lábios, por exemplo.

## **VII – Parecer Psicopedagógico**

A criança foi avaliada por apresentar dificuldades na Matemática e de reter o que aprende. Para isso, foram realizadas provas e testes a fim de verificar a aprendizagem.

No teste a Hora do Jogo, durante o brincar é possível observar que o aprendente é mais voltado para a aprendizagem assistemática, está mais ligado àquilo que adquiriu no dia a dia, na relação com os grupos sociais aos quais está inserido. Durante a sessão, os materiais que são utilizados no dia a dia escolar não lhe despertaram interesse. Ao utilizar os papéis, fez apenas coisas que estão relacionadas ao brincar, ao dia a dia com os colegas da vizinhança, e não com o que acontece no meio escolar. Com relação a modalidade de aprendizagem, o aluno foi classificado como hipoassimilativo/ hiperacomodativo. “Na hipoassimilação é possível verificar um déficit lúdico e criativo. Na hiperacomodação ocorre a pobreza de contato

com a subjetividade, superestimulação da imitação e falta de iniciativa”, de acordo com Fernandez (1991, p. 110).

No teste Eu e Meus Companheiros, foi possível observar o vínculo afetivo que tem com os amigos, principalmente da vizinhança, e outros em que a relação afetiva ainda não está estabelecida. Em alguns momentos se coloca em posição de destaque em relação aos colegas.

No teste Par educativo, o aluno mostrou que, embora haja vínculo com a aprendizagem, esse vínculo não é positivo, pois mantém certa distância de quem ensina, por se sentir inferior ao professor ou por não dar a si próprio o devido valor. No entanto, a cena foi desenhada em um contexto escolar cuja aprendizagem é a sistemática o que pode indicar desejo de aprender, abertura para a aprendizagem.

No teste Família Educativa, observou-se que existe um vínculo afetivo maior com a mãe e a mesma ocupa posição de destaque em relação aos demais membros da casa. Todos os membros da família foram retratados de acordo com as funções que exercem, todavia cada um em seu espaço, o que não identifica circulação do conhecimento no ambiente familiar, pois não há trocas.

No teste os Quatro Momentos de Um Dia, optou por desenhar apenas as atividades realizadas no período matutino relacionadas à casa e à escola. Embora seja possível notar um vínculo com seu quarto e a escola, o fato de não ter desenhado outros momentos do dia pode indicar que fez uma escolha automática para representar seu dia ou por considerá-lo monótono.

Nas provas Pedagógicas, o aluno mostrou-se, inicialmente, resistente em relação a leitura, mas depois realizou-a de modo fluente, com tom de voz adequado. Por algumas vezes a leitura perdia o ritmo, por não obedecer a pontuação. Ao realizar a interpretação do texto, o fez de modo sucinto e restrito resumindo em apenas duas frases. Na produção escrita, o educando apresenta-se no nível de escrita alfabético, porém com muitas falhas ortográficas e gramaticais. É possível observar nas frases escritas que não há uso das regras da escrita. Há mistura de forma das letras (cursiva e bastão) e letras maiúsculas no meio da frase. Nas operações matemáticas, o educando foi capaz apenas de realizar operações de adição e subtração, apresentando dificuldades nas demais operações, sobretudo nas que se referem à divisão. Utilizou-se de recursos concretos como contar os dedos ou fazer palitinhos no papel para resolver as operações.

Quanto as provas Operatórias, foram realizadas as provas de conservação, de classificação e de seriação. Na prova de conservação de comprimento, o aluno se encontra no nível três, sendo capaz de ter um pensamento reversível. Na prova de conservação de peso, também encontra-se no nível três, pois embora mudasse a forma de um dos pesos, afirmava que ambos continuavam igual porque só mudava o formato. Na prova de conservação de volume, atingiu o nível três, julgando cada uma das transformações com o mesmo volume, por não tirar nem acrescentar nada. Nas provas de classificação, intersecção de classes se encontra no nível três, pois, mesmo com todas as contra-argumentações suas respostas foram corretas. Em nenhum momento titubeou para respondê-las. Na quantificação da inclusão de classes, atingiu o nível três, pois respondeu a todas as perguntas. Durante o teste, o aluno ficou atento na maior parte do tempo, apenas algumas vezes parecia estar disperso. As respostas aos questionamentos eram bem objetivas, e quando era feita outra questão para confirmar a compreensão dizia saber responder. Pode-se afirmar que a criança encontra-se na etapa do Pensamento Concreto, em transição para o período formal, conforme Piaget, dentro do que se espera para sua faixa etária.

No desenho livre, apresentou uma situação do seu dia a dia a qual lhe traz prazer e satisfação. No jogo da memória, foi possível observar que o aluno apresenta atenção, percepção e memória satisfatória. No jogo pega-varetas foi possível perceber a capacidade do aluno ao tomar decisões e a autonomia ao propor as regras e fazer as anotações. Em alguns momentos também arriscou jogadas, com cautela, mas sem medo de perder. Notou-se também que em algumas horas, quis antecipar o que ia acontecer, como se considerar vencedor antes de começar o jogo e o fato de que pegar a vareta com maior pontuação garante a vitória. O fato do aluno querer jogar mais uma partida, mostra sua satisfação em ganhar e desejar melhorar seu desempenho.

### **VIII – Encaminhamentos**

Encaminhamentos indicados para o educando:

- Psicopedagogia;
- Apoio Pedagógico;
- Neuropediatra (reavaliar o diagnóstico de TDAH).

## **IX – Plano Terapêutico**

### **- Para o educando**

- Oferecer propostas de ensino a fim de tornar a aprendizagem agradável e prazerosa;
- Criar uma rotina de atividades diária;
- Ler livros literários, observando a pontuação, ortografia e interpretação;
- Utilizar jogos que trabalhem com raciocínio lógico-matemático.

### **- Para a família**

- Estabelecer uma rotina de horário de estudos diários;
- Incentivar a leitura com a aquisição de livros, revistas, gibis;
- Propor atividades lúdicas que envolvam toda a família, como jogos, por exemplo;
- Acompanhar as atividades escolares;
- Buscar sempre a escola para manter-se informado sobre o processo de aprendizagem.

### **- Para a escola**

- Propor atividades envolvendo jogos que trabalham com desafios, utilizar materiais diversificados para explorar conceitos aos quais o aluno apresenta dificuldades;
- Utilizar materiais que desenvolvam concentração, raciocínio, atenção e organização. Para isso, pode-se utilizar jogos, material dourado, atividades recreativas, a fim de estimular a aprendizagem;
- Oferecer reforço escolar;
- Manter o aluno sentado próximo ao professor, para que o mesmo possa acompanhá-lo mais de perto;
- Manter a família sempre informada do trabalho desenvolvido com o aluno para ajudá-lo nas suas dificuldades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar o diagnóstico psicopedagógico, seu processo e as possibilidades de análises e as propostas de intervenção.

Após a apresentação da queixa da família e das professoras, observou-se a criança no contexto escolar a fim de verificar o que foi apresentado pela família e professoras não só na queixa, mas também na *Anamnese* e na entrevista.

Através da avaliação é possível observar como a criança se apropria do conhecimento, traçar quais ações colocar em prática a fim de trabalhar com as dificuldades de aprendizagem e idealizar planos para que ela ocorra.

Para isso, foram realizadas, com o aluno, entrevista, provas pedagógicas, provas projetivas e provas operatórias de Piaget, a fim de investigar o nível e a relação que a criança estabelece com a aprendizagem.

Cabe ao psicopedagogo um olhar especial para todas as situações que lhe serão apresentadas, tanto pela família, quanto pela criança. Ele precisa ter ciência de que entrará em assuntos, em situações difíceis, de enxergar o que está o oculto. Isso só acontecerá se a família se sentir segura, de ver o profissional com alguém que tem interesse em ajudá-lo e a orientá-lo. Segundo Fernandez (1991), e preciso atentar para que os pais não desanimem, nem desistam do tratamento ou de seguir as orientações desde o princípio do diagnóstico. Eles precisam ter esperança e confiança no trabalho do especialista.

Durante o processo diagnóstico com a família e ao longo dos atendimentos, o psicopedagogo será capaz de encontrar, de perceber alguns acontecimentos que contribuíram para o problema da aprendizagem. Problemas que, às vezes, podem ter surgido antes do nascimento da criança, isto é, na gestação da genitora, e que estão afetando suas emoções e refletindo no seu desenvolvimento. Ele terá que lidar também com problemas de ordem orgânica, se deparar com crianças com alguma síndrome ou transtorno e aplicar as intervenções cabíveis, orientar pais e professores e ajudar essa criança a superar seus limites, no que diz respeito a aprendizagem.

A avaliação psicopedagógica contribuiu para analisar o aluno e como o mesmo se apropria do conhecimento. Todo o processo possibilitou verificar a relação dessa criança com a família, com os colegas e com a aprendizagem. Assim, foi possível traçar as ações terapêuticas a fim de suprir suas necessidades.

Na devolutiva, a família precisa compreender claramente a importância de se colocar em prática as propostas de intervenção apresentadas pelo profissional, pois elas serão a garantia de que a criança poderá lidar com as questões da aprendizagem e, segundo Fernández (1991, p. 231), “ajudar a recuperar o prazer esquecido de aprender e viver”.

Após o fechamento do diagnóstico, foi apresentado a família um plano terapêutico com propostas de trabalhos, que devem ser oferecidos à criança, pela família e também pela escola.

A família, por fim, tem um papel fundamental no processo de aprendizagem da criança. Com seu apoio e participação na vida escolar do aluno, esse pode vencer muitos dos obstáculos presentes no caminho da aprendizagem.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDA – tdah.org.br

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 2. ed. Porto Alegre, Artmed: 2000.

CHAMAT, Leila Sara José. **Relações vinculares e aprendizagem: um enfoque psicopedagógico**. São Paulo, Vetor: 1997.

DONELL, Juan José Conte Mac. **Manual Provas de Diagnóstico operatório**. Buenos Aires, Edição: CEM, 1979.

FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre, Artes Médicas: 1991.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia em psicodrama: morando no brincar – 7 Ed.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FERREIRA, Márcia. **Ação psicopedagógica na sala de aula: uma questão de inclusão**. São Paulo: Paulus, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FURTADO, Valéria Queiroz. **Uma intervenção psicopedagógica via jogos de regras**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

SILVA, Josianne Maria Mattos. **O desenho na expressão de sentimentos de crianças hospitalizadas**. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922010000800016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922010000800016) –  
> Acesso em: 07 jun. 2018.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VISCA, Jorge. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para sua interpretação**. 1ª ed. - Buenos Aires: Visca & Visca, 2008.

\_\_\_\_\_. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. Porto Alegre, artes Médicas, 1987.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 10. ed. Rio de Janeiro, DP&A: 2003.

## 8 ANEXOS

### Anexo A – Anamnese

#### A – IDENTIFICAÇÃO:

Nome do (a) cliente: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Sexo: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Fone: \_\_\_\_\_ Celular Pai: \_\_\_\_\_ Mãe: \_\_\_\_\_  
 Escola: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

#### B - CONSTELAÇÃO FAMILIAR:

**PAI:** \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_  
 Local de trabalho: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
 Se mora separado da família, endereço: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

**MÃE:** \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_  
 Local de Trabalho: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_  
 Se mora separado da família, endereço: \_\_\_\_\_ Fone \_\_\_\_\_

#### B- 1 - RESPONSÁVEIS:

Nome: \_\_\_\_\_  
 Grau de parentesco \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: \_\_\_\_\_

#### B- 2- IRMÃOS:( citar idade, sexo, escolaridade)

#### B- 3- PARENTESCO:

Há parentesco entre os pais? \_\_\_ Se sim, qual é o grau deste parentesco? \_\_\_  
 Pais casados ( ) separados ( ) pai ausente ( ) motivo \_\_\_\_\_  
 Mãe ausente ( ) motivo \_\_\_\_\_  
 Pais adotivos ( ) com que idade (da criança) assumiram a guarda? \_\_\_\_\_  
 Qual(quais) o(s) motivo(s) que levaram a adotar uma criança?  
 \_\_\_\_\_

A condição de filho (a) adotado(a) é sabida pela criança? Sim ( ) Não ( )

Se SIM, desde quando tomou conhecimento? \_\_\_\_\_

Qual foi a reação? \_\_\_\_\_

Se NÃO, qual (ais) o (s) motivo (s) que impede (m) de tomar conhecimento?

\_\_\_\_\_

**C - CONDIÇÕES DE GESTAÇÃO:** (especificar épocas dos itens assinalados)

Gravidez planejada: Sim ( ) Não ( )

**Houve:** Quedas: Sim ( ) Não ( ) ; Ameaças do aborto: Sim ( ) Não ( ) com quantos meses? \_\_\_\_\_

Alguma doença? Sim ( ) Não ( ) Qual (is) \_\_\_\_\_

Uso de medicamentos Sim ( ) Não ( ) Qual (is) \_\_\_\_\_

Raio X- S ( ) N ( ) Com quantos meses? \_\_\_\_\_

Evolução da gravidez:

Visitas periódicas (mensais) ao médico (PRÉ NATAL):

As visitas aconteceram mensalmente? Sim ( ) Não ( )

Adquiriu muitos pesos durante a gravidez? Sim ( ) Não ( ) Quantos? \_\_\_\_\_

Fumava Sim ( ) Não ( ) Quantos cigarros? \_\_\_\_\_

Bebida alcoólica: Sim ( ) Quantos copos? \_\_\_\_\_

Fez ultrassonografia? Sim ( ) Não ( ) Quantas? \_\_\_\_\_

Para quê? e por quê? \_\_\_\_\_

O bebê mexia muito? Sim ( ) Não ( ) Quando? \_\_\_\_\_

**D – CONDIÇÕES DO PARTO:**

Prematuro ( ) com os nove meses completo ( ) Bolsa estourou em casa ( )

Em casa ( ) – quem fez? \_\_\_\_\_

Ao nascer, a criança chorou logo? Sim ( ) Não ( ) por quê? \_\_\_\_\_

No Hospital ( )

Parto Normal ( ) Cesariana ( ) Demorado ( ) Forçado ( ) com Fórceps ( )

**E - CONDIÇÕES DO NASCIMENTO:**

Chorou Sim ( ) Não ( ) Icterícia Sim ( ) Não ( )

Cianose (pele azulada/ roxa) Sim ( ) Convulsão Sim ( ) Não ( )

Outras dificuldades ao ocorridas ao nascer:

---

**F – ALIMENTAÇÃO :**Depois de quantas horas de nascido (a) chegou para mamar a primeira vez? \_\_\_\_  
\_\_\_\_Horas.

Dificuldades para sugar o bico do seio?

Às vezes mamava, mas fazia o bico do seio como se fosse chupeta: Sim ( ) Não ( )

Rejeição ao bico - Sim ( ) Não ( )

Mamava com exagero - Sim ( ) Não ( )

Rejeição ao leite - Sim ( ) Não ( )

Mamava de madrugada - Sim ( ) Não ( )

Sugou com dificuldades - Sim ( ) Não ( )

Adormecia ao seio - Sim ( ) Não ( )

Fazia vômitos – Sim ( ) Não ( )

Prisão de ventre – Sim ( ) Não ( )

Muita? Sim ( ) Não ( ) Mamou durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

Começou a comer comida pastosa quando? \_\_\_\_\_ E sucos? \_\_\_\_\_

Quando começou a comer comida de sal? \_\_\_\_\_

Que tipo de comida? \_\_\_\_\_ Era inteira ( ) ou amassada ( )

Se amassada (papinha), por quê? \_\_\_\_\_

Durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

Qual foi a reação ao receber esse novo tipo de alimento? \_\_\_\_\_

E a da mãe, ao ver a criança aceitando outro alimento que não fosse o leite do sei?

---

Caso não tenha amamentado no seio, por quê? \_\_\_\_\_

O que tentou fazer até chegar, realmente a dá o alimento através de mamadeiras?

Aconselhada por quem?

**G – DESENVOLVIMENTO:** (responde em meses ou idade, anos)

Firmou a cabeça com \_\_\_\_meses

Primeiro dentinho \_\_\_\_\_ meses; babou até \_\_\_\_\_ meses.

Sentou- se \_\_\_\_\_ meses.

Andou –se \_\_\_\_\_ meses

Mão que começou a usar com mais frequência: D ( ) E ( )

Engatinhou aos \_\_\_\_\_ meses

Falou aos \_\_\_\_\_ meses

Controle das fezes aos \_\_\_\_\_ anos

Controle da urina durante o dia aos \_\_\_\_ anos

Controle da urina, à noite aos \_\_\_\_ anos

Possíveis (primeiras) palavras (se lembrar)

Deficiência na fala: Sim ( ) Não ( ) Se SIM quais? \_\_\_\_\_

Convulsões, com febre: Sim ( ) Não ( )

Se SIM, quantas, quando e por quê? o que foi descoberto?

Convulsões, sem febre Sim ( ) Não ( )

Se SIM, quantas quando e por quê? o que foi descoberto?

Doenças – Quais? \_\_\_\_\_

Internações: Sim ( ) Não ( )

Se SIM, quantas, quando e por quê? \_\_\_\_\_

Além da mãe, outras pessoas cuidaram da criança?

Quem? Quando? E por quê? \_\_\_\_\_

### **H – SONO:**

Tranquilo; ( ) agitado; ( ) difícil; ( )

Com interrupções; ( ) durante o dia; ( ) durante o dia; ( ) a noite; ( )

Range os dentes; ( ) fala/ grita; ( ) chora; ( ) Ri; ( )

Sonambulismo; ( )

Tem pesadelos constantes; ( )

Dorme no quarto dos pais; ( )

Precisa de companhia até “pegar” no sono; ( )

Levanta a noite e passa para a cama dos pais ou irmãos ( )

Tem companhia (irmãos ou babá) que dorme no mesmo quarto; ( )

### **I – MANIPULAÇÕES**

Usou chupeta Sim ( ) Não ( ) Tempo: \_\_\_\_\_

Chupou / chupa: Sim ( ) Não ( ) Tempo \_\_\_\_\_

Roeu ou rói as unhas: Sim ( ) Não ( ) Quando \_\_\_\_\_

Arranca os cabelos: Sim ( ) Não ( ) Quando \_\_\_\_\_

Morde os lábios: Sim ( ) Não ( ) Quando \_\_\_\_\_

Pisca o(s) olho (s): (num gesto de tique) Sim ( ) Não ( ) Quando \_\_\_\_\_

Quais atitudes tomadas diante de cada ou de todos esses hábitos comportamentais?

---

**J – SEXUALIDADE:**

Curiosidade despertada ( ) com que idade? \_\_\_\_\_

Masturbação: Sim ( ) Não ( ) – com que idade? \_\_\_\_\_

Local: Quarto ( ) Banheiro ( ) Qualquer local? ( )

Quando percebeu (ram) este comportamento? \_\_\_\_\_

Por quê? \_\_\_\_\_

Envolve (eu) em jogos sexuais? Sim ( ) Não ( ) Sozinha ( ) com outras crianças ( )

Quando? (Descreva a situação) \_\_\_\_\_

**L- SOCIABILIDADE:**

Quando bebê, ia facilmente com outras pessoas? S ( ) N ( )

Recebe (ia) com frequência a visita de amigos? S ( ) N ( ) Adaptava-

se facilmente meio, com outras crianças? S ( ) N ( ) Visita (va)

com frequência a casa dos amigos? S ( ) N ( )

Prefere brincar sozinho S ( ) N ( )

Com que frequência larga (va) os seus brinquedos para brincar com os brinquedos dos outros?

Mesmo brincando com brinquedos de outras crianças não deixava brincar com os seus? S ( ) N ( )

Tem amigos? S ( ) N ( ) Faz amigos facilmente? S ( ) N ( )

Conserva as amizades? S ( ) N ( )

Aceitava que outra (as) crianças assentassem no colo de pessoas conhecidas, como: mãe, avó (ô) S ( ) N ( )

Atualmente, como está a socialização dele (a), na escola, na família e em outro ambiente? Gosta de sair ir ao shopping, em festas, em clubes, enfim, de conviver com outras pessoas e outros ambientes? (Procure descrever) \_\_\_\_\_

Descreva um dia (de 2ª a sábado, quando os adultos estão trabalhando) de seu (sua) filho (a) (continue sendo fiel às informações) \_\_\_\_\_

Descreva um dia de seu (sua) filho (a) com um colega. (continue sendo fiel às informações) \_\_\_\_\_

Descreva um domingo de seu (a) filho (a) (continue sendo fiel às informações)

\_\_\_\_\_

### **M- RELAÇÕES AFETIVAS**

Descreva quando ocorre, e torna-se incômodo:

Choros: \_\_\_\_\_

Fantasias: \_\_\_\_\_

Mentiras: \_\_\_\_\_

Emoções: \_\_\_\_\_

Quando ocorre demonstrações de:

Carinho: com quem? \_\_\_\_\_

Ciúmes: de quem? \_\_\_\_\_

Piedade: de quem? \_\_\_\_\_

Inveja: de quem? \_\_\_\_\_

Raiva/ódio: de quem? \_\_\_\_\_

Amizade: com quem? \_\_\_\_\_

Prefere amigos: mais velhos ( )      mais novos ( )      mesma idade ( )

Como são as brincadeiras e as relações afetivas (alegria, tranquilidade, solidariedade, indiferença, imposição e outros) com os amigos:

Mais velhos?

Mais novos? \_\_\_\_\_

Da mesma idade? \_\_\_\_\_

E quanto aos animais? Possui algum (ns)? Qual (is) \_\_\_\_\_

### **N- ESCOLARIDADE:**

Frequentou creches? S ( ) N ( )

Gosta da escola? S ( ) N ( ) às vezes ( )

Frequentou maternal? S ( ) N ( )

Recebe ajuda para fazer as tarefas? S ( ) N ( )

Frequentou pré-escola? S ( ) N ( )

Os pais ou outra pessoa estudam? S ( ) N ( )

Mudou muito de escolas? S ( ) N ( )

Vai bem na escola? S ( ) N ( )

Procura estar em destaque na sala de aula? S ( ) N ( )

Gosta do (s) professor (res)? S ( ) por quê? \_\_\_\_\_

Se é o primeiro ano neste colégio, procure resumir como foi a primeira semana.

No momento, como ele (a) se encontra na escola, em relação:

Ao Colégio?

A si mesmo?

Aos colegas?

À família? Pai: Mãe: Irmãos:

Aos professores?

As matérias?

### **O- DOS ADJETIVOS ABAIXO, QUAIS OS QUE APLICAM MELHOR EM SEU (SUA)**

#### **FILHO (A)**

Atento ( )

lento ( )

persistente ( )

criativo ( )

Observador ( )

cruel ( )

criativo ( )

agressivo ( )

Descuidado ( )

sociável ( )

curioso ( )

mimado ( )

Cauteloso ( )

sensível ( )

desinteressado ( )

inseguro ( )

Cuidadoso ( )

rápido ( )

inquieto ( )

carinhoso ( )

Impetuoso ( )

ativo ( )

introspectivo ( )

chorão ( )

Indiferente ( )

participativo ( )

teimoso ( )

independente ( )

Preocupado ( )

interessado ( )

submisso ( )

dissimulado ( )

Asseado ( )

esperto ( )

**ANEXO B - Entrevista com o educando**

Nome do aluno(a):

Idade:

Dia do aniversário: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Série escolar:

Turno:

Nome do professor(a):

Nome da escola:

Nome da mãe:

Nome do pai:

Nome do irmão(ã)/idade/série que os irmãos estudam:

Endereço:

Fone:

Profissão da mãe:

Profissão do pai:

**Em casa**

O que mais gosta de fazer?

O que menos gosta de fazer?

Que horário faz as tarefas?

Quem ajuda? como ajuda?

Recebe colegas em casa?

O que a família gosta de fazer?

Faz passeio em família? Onde costumam ir? Como são os finais de semana em família?

Tv? (que programas)

Gosta de música?

Qual o esporte preferido?

Tem medo de algo?

A quem pede ajuda quando precisa?

**Na escola**

Quem são seus amigos?

O que mais gosto de fazer?

O que menos gosto de fazer?

Qual a sua matéria preferida?

Qual a matéria que menos gosto?

O que é fácil fazer? (por quê)

O que é difícil fazer? (por quê)

Qual a sua professora preferida?

Quais as brincadeiras preferidas? (na escola/em casa)

Gosta de ler? (o quê)

Gosta de ouvir histórias?

## **Anexo C – Par educativo**

## **Anexo D – Família Educativa**

## **Anexo E – Eu e meus companheiros**

## **Anexo F – Os quatro momentos do meu dia**

**ANEXO G – Desenho livre**